

## Histórico e conceitos da ergologia: entrevista com Yves Schwartz<sup>1</sup>

Entrevista com Yves Schwartz, por Moacir Fernando Viegas.

**Breve currículo.** Yves Schwartz é professor de Filosofia da Universidade de Provence, onde também dirige o Departamento de Ergologia. Entre suas várias publicações, destacamos *Expérience et connaissance du travail* (1988), *Reflexion autour d'un exemple de travail ouvrier* (2011) e *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe* (Toulouse, Octarès, 2000). Desde os anos 1990 desenvolve cooperação com vários grupos de pesquisa dos programas de pós-graduação do Brasil nas áreas da saúde, educação, psicologia e engenharia de produção. Na presente entrevista, realizada em sua residência em Aix-en-Provence em 2011, discorre sobre a origem e a institucionalização da ergologia na França e sua posterior aceitação em diversos lugares do mundo; a criação do Instituto de Ergologia e do mestrado em ergologia, que tem como uma de suas características a participação de trabalhadores, característica que vem desde a criação dos primeiros grupos de pesquisa; comenta sobre o reconhecimento do mestrado e as dificuldades enfrentadas na própria Universidade de Provence; as ligações com o Brasil; retoma conceitos como uso de si, atividade, (re)normalizações, a estrutura e o funcionamento do mestrado, que, no nosso entender, apresenta contribuições importantes para nossa pós-graduação e para os grupos de pesquisa; destaca ainda o caráter político dos conceitos mencionados. Por fim, comenta os efeitos da atual crise econômica para a pesquisa na Universidade de Provence.

## INTRODUÇÃO

É bastante significativo o espaço que a ergologia tem ganhado no conjunto das pesquisas realizadas no Brasil. Concentra-se especialmente nas áreas da educação e da saúde, mas inclui também a psicologia e a engenharia de produção. Foi abordada em entrevistas a importantes

---

<sup>1</sup> Este trabalho contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), modalidade Estágio Pós-Doutoral no Exterior, realizado em 2011-2012.

periódicos (Trabalho, Educação e Saúde, 2006; Educação & Realidade, 2010), números temáticos (Trabalho, Educação e Saúde, 2011), constitui foco central de vários grupos de pesquisa, além de lançamentos de livros. No ano de 2005, Schwartz ministrou na 28ª Reunião Anual da Anped<sup>2</sup> o mini-curso “Trabalho, filosofia e atividade humana”. Quando uma teoria adquire repercussão dessa maneira, é interessante refletir sobre as razões de sua acolhida. Não pretendemos dar uma resposta definitiva a essa questão, que passa, sem dúvida, pelos méritos do Instituto de Ergologia da Universidade de Provence, nomeadamente pelo longo trabalho desenvolvido pelo prof. Yves Schwartz. Pensamos em destacar apenas um dos elementos que, ao nosso ver, ajudam a respondê-la. A ergologia investiga o que pensamos ser uma “área escura” do conhecimento ao pretender estudar a atividade desenvolvida nas relações de trabalho. A capacidade de ação dos trabalhadores, segundo Bernardo (1991), tem sido historicamente não reconhecida, como parte de uma luta ideológica e do predomínio da práxis tradicional. Essa “invisibilidade” tem explicações econômicas, e está associada ao escamoteamento da capacidade de ação da força de trabalho de dar vida ao capital morto, única forma do sistema produtivo ser reproduzido, e daí reconhecer que essa ação é capaz de despender, nessa atividade, maior tempo de trabalho do que o incorporado na produção de si mesma. Esse escamoteamento da ação da força de trabalho é acompanhado dos elementos que dela fazem parte e que a extrapolam, na medida em que adentram na própria questão da produção do conhecimento.

Se a força de trabalho é capaz dessa ação de vivificar a produção, que elementos entram nessa ação? Na medida em que o agir humano é sempre um agir que carrega o histórico de experiências vividas, é lícito pensar que tais elementos são de diversa ordem. No que mais nos interessa aqui, que é a educação, é o conhecimento do trabalhador um desses elementos. E se essa ação vivifica tudo o que ocorreu em processos anteriores, trata-se de um conhecimento que não apenas reproduz as previsibilidades do processo, mas que, além disso, a ele acrescenta elementos novos.

Vivemos uma época em que as próprias características da produção econômica, especialmente o fato de apoiar-se na exploração das habilidades intelectuais dos trabalhadores, tornaram visível aquilo que o taylorismo-fordismo escondia. E isso porque o capital prescinde agora desse conhecimento. Denominado de várias maneiras, a nova época alimenta a discussão de conceitos como competências, conhecimento tácito, experiência, atividade, que tem como um

---

<sup>2</sup> Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação.

dos objetivos tentar conceituar essa ação. O próprio início dos estudos de Schwartz está associado, como diz, ao fim da predominância do taylorismo.

A entrevista que segue foi-nos gentilmente concedida por Yves Schwartz em novembro de 2011, em sua residência, numa de nossas incursões a Universidade de Provence, em Aix-en-Provence, como parte de nossas atividades do Estágio Pós-Doutoral. Devemos destacar a ótima acolhida pelos docentes do Instituto de Ergologia, que tem se acostumado a receber brasileiros para seus estudos. Defensor das diversas culturas, ao manifestar meu receio em expor minhas questões nas aulas que tive oportunidade de assistir, dadas as limitações do meu francês, o prof. Yves disse, simplesmente, para que eu falasse português.

## 1 A ENTREVISTA

**Moacir Fernando Viegas** – Professor Yves, apesar de já existirem no Brasil há muitos anos estudos sobre ergologia em várias áreas do conhecimento, muitos pesquisadores, incluindo, no nosso caso, da educação e ciências humanas, ainda desconhecem o significado do termo. Poderia dizer-nos, em linhas gerais, do que trata a ergologia?

**Yves Schwartz** – A ergologia, se quisermos explicar de forma simples, é o estudo da atividade, porque a ergologia vem de um termo, de uma palavra grega (*ergasesthai*) que quer dizer *o fazer em geral*. A ergologia significa o estudo da atividade humana, o tomar em conta a atividade humana. Tudo tem de ser pensado, tem que ser visto como consequência de certa abordagem da atividade humana. Há trinta anos, o ponto de partida do que hoje se chama ergologia era o interesse pelo trabalho. E pouco a pouco, desde esse ponto de partida, ao encontrar a situação do trabalhador concreto, frisado por vários autores, filósofos, começamos a falar de ergologia. Foi ficando cada vez mais evidente que atrás do trabalho humano havia uma dimensão geral antropológica que animava do interior do trabalho humano e que pouco a pouco chamamos atividade. Desde o final dos anos 1990, começamos a falar em ergologia.

**Moacir Fernando Viegas** – Uma dúvida: o estudo da ergologia como atividade sempre foi atividade de trabalho?

**Yves Schwartz** – Sempre houve uma dupla dimensão do que se desenvolveu como ergologia. Uma dimensão mais profissionalizada, mais orientada para as transformações do mundo do trabalho, dimensões políticas, econômicas, que eram em torno da situação do trabalhador e do trabalho. Nós, nesse momento, as nossas formações na universidade eram principalmente orientadas nessa direção, com profissionais que eram nossos interlocutores, como alunos que atenderam aos cursos com objetivos profissionais. Mas, no mesmo tempo, para entender o que era realmente o trabalho humano, desenvolvemos uma área de pesquisa de produção científica que era mais ampla, que era essa dimensão antropológica e também epistemológica do conceito de atividade.

**Moacir Fernando Viegas** – Em termos de área do conhecimento, como podemos situar a ergologia? Com qual área ela estaria mais relacionada? E, também, em que áreas ela mais se apoia?

**Yves Schwartz** – No início definimos as nossas formações e a nossa equipe como pluridisciplinar, porque, claro, o trabalho humano, a atividade industriosa e a atividade em geral têm dimensões econômicas, ergonômicas, linguísticas, sociológicas, psicológicas, jurídicas e etc. Então, desde esse ponto de vista, não se apóia sobre uma área particular. Mas ao mesmo tempo havia um consenso entre a equipe de que existia também uma dimensão de reflexão antropológica e filosófica, que era central também. Porque a dimensão filosófica ou antropológica era uma maneira de defender essa dimensão pluridisciplinar, na medida em que a filosofia não é uma especialização profissional. E por isso essas duas dimensões no desenvolvimento da ergologia eram perfeitamente compatíveis: pluridisciplinar, com uma dimensão filosófica, antropológica e também epistemológica, porque a questão da cooperação pluridisciplinar ou interdisciplinar colocava grandes problemas epistemológicos.

**Moacir Fernando Viegas** – Certo, obrigado. No que se refere à ergologia na universidade de Provence, eu gostaria que tu falasses um pouco sobre como ela surge na universidade, em que momento e como está organizada hoje em termos de grupos de pesquisa, pesquisas individuais e cursos.

**Yves Schwartz** – É uma história um pouco estranha. Começou como uma experiência minúscula há trinta anos. Trinta anos na Universidade Provence. O problema, para três companheiros da universidade, três amigos, era como enfrentar as transformações no trabalho. Era uma coisa muito difundida isso de que o trabalho está comprometido com um processo de transformação, até surgir a ideia de que o trabalho estava desaparecendo, que a classe operária estava acabada e que as transformações tecnológicas nos obrigavam a considerar um mundo social, político e econômico completamente novo. Era o fim da predominância do taylorismo e para fazer o nosso ofício de professores e pesquisadores, nos pareceu necessário trabalhar sobre o trabalho, para entender em qual grau ele estava mudando. Daí construímos uma minúscula experiência de quinze pessoas, quinze trabalhadores, para trabalhar juntos sobre o trabalho. Nós elaboramos conceitos, disciplinas. Os trabalhadores trouxeram a experiência, as contradições do trabalho mesmo. E essa experiência que começou há trinta anos pouco a pouco se desenvolveu, porque abria um espaço intelectual, social, fantástico. Era para nós uma maneira completamente nova de conceber o nosso ofício de universitário, e para os trabalhadores era uma maneira de colocar em palavras competências, saberes, valores que não percebiam assim como até então. E pouco a pouco as nossas formações se desenvolveram, desde a formação contínua e depois diplomas específicos da Universidade de Provence e diplomas nacionais como esses diplomas de estudos, como o Diploma de Estudo Superior Especializado. Em 1998, com o conselho do reitor da universidade, criamos um Departamento de Ergologia, que era o único na França e que aos poucos se desenvolveu. Durante todo esse tempo se desenvolveram publicações, teses, artigos e colaborações com muitos setores do mundo intelectual e social e pouco a pouco a dimensão internacional. Foi um processo contínuo, sem ruptura, sem regresso.

**Moacir Fernando Viegas** – E o mestrado surgiu quando?

**Yves Schwartz** – O mestrado surgiu em 2004, porque fomos obrigados a criar mestrados *máster*, conforme obrigações europeias.

**Moacir Fernando Viegas** – Isso já no contexto do Tratado de Bolonha?

**Yves Schwartz** – Sim.

**Moacir Fernando Viegas** – Isso foi sendo desenvolvido sem rupturas, como tu disseste, e hoje pode se dizer que o curso, o departamento, estão consolidados?

**Yves Schwartz** – Juntamente a esse contínuo, o que também teve seguimento foram as dificuldades, as incompreensões da parte do meio universitário. Sempre tivemos momentos difíceis. Bem, o nosso mestrado foi habilitado, foi autorizado pelo ministério de educação, e nos primeiros quatro anos tivemos que re apresentar um novo dossiê de habilitação. E esse primeiro dossiê foi recebido com muitas aprovações, muitas laudas. O ministério comunicou: “você fazem uma formação totalmente original. Vocês são os únicos na França e na Europa e o momento para fazer isso é perfeito”. E desde então nunca paramos de aperfeiçoar, de melhorar. Mas, recentemente, com o novo processo de habilitação, tivemos que enfrentar o que podemos chamar de hostilidade de uma equipe de pessoas da nossa universidade. Era um paradoxo, porque trouxemos muitos recursos à nossa universidade com essa experiência. Trouxemos pessoas que manifestavam sua vontade de trabalhar, que vinham de Paris e outros lugares para trabalhar, mas enfrentamos outros processos um pouco complicados de entender. Na nossa universidade essa equipe criou dificuldades e tivemos medo que nossa habilitação não fosse renovada. E ontem soubemos que o ministério a renovou por quatro anos. Mas o que é importante é que desde o início sempre misturamos profissionais, trabalhadores e alunos em uma formação inicial.

**Moacir Fernando Viegas** – Esse sempre foi um princípio do curso. Incluir funcionários, trabalhadores...

**Yves Schwartz** – Absolutamente necessário, porque, se não, não tem significado, porque a ideia é que cada um traz conhecimentos, formas de conhecimento, de valores e perspectivas para dentro dessa formação.

**Moacir Fernando Viegas – 6)** Em que lugares do mundo a ergologia tem se desenvolvido? Sabemos que ela conta com um desenvolvimento importante no Brasil, por exemplo. A que você atribui o acolhimento que a ergologia recebe em países como o Brasil? Então, primeiro, onde a ergologia tem se desenvolvido e, depois, a que se atribui esse interesse, por exemplo, na realidade brasileira?

**Yves Schwartz** – Para nós uma coisa um pouco surpreendente é a forma das relações internacionais.

**Moacir Fernando Viegas** – Formas das relações internacionais?

**Yves Schwartz** – É, da ergologia. A ergologia era no início uma coisa muito pequena. No início era um pequeno grupo na universidade de Provence, que pouco a pouco desenvolveu grupos na França, e hoje está se expandido. Mas, no meio internacional, a coisa se fez de uma maneira espontânea, sem que nós buscássemos. E é certo que o Brasil, desde o ano de 1997, foi o “continente” essencial desse desenvolvimento internacional. Mas o que foi surpreendente, podemos discutir isso, é que por ligações várias, as nossas relações foram, no início, especialmente relações lusófonas, quer dizer que, claro, temos ligações consideráveis com o Brasil. O Brasil é um lugar dos frutos, com manuscritos, com uma história, com uma herança própria. Nós temos ligações com Portugal (Universidade do Porto), com Moçambique, países que falam a língua portuguesa.

**Moacir Fernando Viegas** – E isto se deu espontaneamente?

**Yves Schwartz** – Acho que o que foi fundamental foi primeiramente o Brasil e através das ligações entre Brasil e Portugal. Pessoas que trabalham na mesma área ou alunos de Moçambique que vieram a Aix-en-Provence e lá ficaram com brasileiros, falando a mesma língua. Depois criaram-se relações com a África, com a Argélia, a Tunísia, com Moçambique, claro, um pouco com Costa do Marfim e com as Ilhas Comores. E também com países da Europa, como Bélgica e

Suíça. Mas o que é surpreendente é que não temos no momento nenhuma relação com países anglófonos e espanófonos.

**Moacir Fernando Viegas** – E tu tens uma hipótese quanto ao porquê desse interesse maior de países como o Brasil? Isso tem relação com fato de muitos pesquisadores, no caso da realidade brasileira, serem da área da Educação?

**Yves Schwartz** – Acho que não somente da educação. Veja, por exemplo, essa revista da Fiocruz (2011). Temos relações com muitas áreas diferentes. Certo, com a educação, mas também com a psicologia, a psicologia do trabalho, com a linguística, com a ergonomia, com a engenharia de produção. É bem pluridisciplinar. No caso do Brasil, há um interesse da cultura intelectual brasileira pela cultura européia e francesa, da parte das ciências humanas, desde há muito tempo. É uma maneira de equilibrar a influência americana, do norte, e a influência a européia. E por isso a cultura francesa é um pouco um modo de escapar à dominação. Esse é um aspecto, mas há outros. Acho que há uma tradição brasileira de interesse e presença dos movimentos sociais dentro da universidade. Essa tradição da cultura popular de Paulo Freire, que é bem importante, e essa ideia de colaboração, de cooperação entre os intelectuais, os universitários e os meios do mundo do trabalho. Inscreve-se bem dentro desse movimento especificamente brasileiro.

**Moacir Fernando Viegas** – Nesse caso, a ergologia é prevista como uma possibilidade de contribuição a essa comunicação entre pesquisadores e movimentos sociais?

**Yves Schwartz** – Exatamente. Acho que isso foi visto dessa maneira pelos amigos brasileiros. E também acho que a tradição universitária é um pouco menos pesada no Brasil, um pouco menos antiga do que na Europa, implica que a perspectiva pluridisciplinar é mais bem aceita. Por exemplo, você fala de Educação, mas os departamentos de Educação são bem pluridisciplinares. A Engenharia de Produção também, assim como o Serviço Social. São departamentos não fixados numa única disciplina. Isso também é um dos aspectos das formas de cooperação. Mas é uma preocupação o fato de até o momento não haver nenhuma relação com o universo anglo-saxão.

**Moacir Fernando Viegas** – Voltando ao mestrado em ergologia, como é que o curso está estruturado, em termos gerais? Você já falou que ele é diferente no que diz respeito ao público, porque contempla trabalhadores de empresas. Que outras diferenças existem com relação a outros mestrados?

**Yves Schwartz** – Cada um vem aqui com sua competência disciplinar. Mas, desde que trabalhamos juntos, a nossa preocupação é que cada disciplina tem que ser reinterrogada. Modificar, transformar, para trazer competências sobre o campo, da situação de trabalho, das situações econômicas. Por isso, no início do primeiro ano do mestrado, que possui dois anos de duração como todo o mestrado, tem cursos mais ou menos disciplinares, mas cada um já buscando focalizar-se em como essas disciplinas de filosofia, direito, economia, podem trazer elementos pertinentes sobre o agir dentro do trabalho e como criar um diálogo com os profissionais presentes. E dentro do segundo ano já não há mais cursos disciplinares. São cursos sobre o conceito de trabalho, sobre o problema da gestão do trabalho e um curso muito importante sobre a epistemologia e a ergologia. O que conhecer no trabalho? O que conhecer na atividade humana? Essa é uma questão que não pode existir nos outros mestrados. Existe especificamente neste. E há, como nos outros mestrados, estágios, assim como trabalhos comuns entre alunos sobre uma questão pertinente dentro da atividade de trabalho. Um se chamará “competências”, outro, “os riscos psicológicos e sociais”, outro, “desenvolvimento”, por exemplo.

**Moacir Fernando Viegas** – Esses estágios são feitos somente em empresas?

**Yves Schwartz** – Empresas no sentido amplo. Podem ser serviços públicos, podem ser associações, podem ser o que chamamos comitê de empresa.

**Moacir Fernando Viegas** – Inclusive escolas, ou não?

**Yves Schwartz** – Não, acho que não, poucos estágios nas escolas.

**Moacir Fernando Viegas** – Os alunos vêm de diferentes áreas do conhecimento, mas todos fazem estágio em empresas?

**Yves Schwartz** – Os alunos vêm de todos os setores possíveis. Sociologia, filosofia, direito, engenharia, mas todos, como profissionais, fazem os mesmos estágios com uma pessoa da equipe, que é o orientador de estágio, e uma pessoa na empresa.

**Moacir Fernando Viegas** – Bem, agora eu gostaria de perguntar algumas questões mais específicas sobre a ergologia. Para começar, um conceito central no estudo da ergologia é o dispositivo dinâmico a três polos. O que é esse conceito, o que ele significa, e porque recebe esta denominação?

**Yves Schwartz** – Essa noção foi criada em torno dos anos 1993, 1994, mas se refletirmos sobre esse conceito, ele tem uma estreita relação com nosso conceito de atividade. Se existir atividade humana e atividade industriosa como debate de normas, quer dizer que ninguém pode antecipar perfeitamente as consequências do debate de normas, o que chamamos de renormalizações. Renormalizações são o resultado dos milhões de debates de normas que sempre se desenvolvem no trabalho. Se quisermos conhecer a atividade humana que se apresenta frente a nós, nas empresas, em qualquer situação onde existe atividade, não podemos vacilar quanto ao resultado. Temos que nos dar um dispositivo para fazer o trabalho em comum. De um lado as pessoas que aprenderam conceitos, teorias que são pertinentes em qualquer situação, porque em qualquer situação teremos as normas antecedentes, os procedimentos técnicos, jurídicos, que se aprendem, e há pessoas, como na universidade, que são peritos sobre conceitos. Mas, já que sabemos que nenhuma situação de trabalho pode ser abordada unicamente com esse patrimônio conceitual, porque esse patrimônio conceitual não pode antecipar as renormalizações, temos que trabalhar em comum entre os que detêm mais ou menos conceitos e os que são centros de renormalizações. São os dois pólos. E porque um terceiro pólo? Porque se não compartilhamos esse ideal

antropológico da atividade humana, não precisamos de um dispositivo como esse. A ideia dominante é que existe, de um lado, os que sabem, ensinam, e, de outro, os que aprendem. Uma ideia que foi amplamente criticada por Paulo Freire. Por isso esse terceiro pólo não pode ser identificado a ninguém. É uma preocupação comum, uma visão comum do homem como ser de atividade.

**Moacir Fernando Viegas** – Quanto à conceitos como debate de normas e uso de si, pelo que implicam nas relações interpessoais do trabalho, pode-se afirmar que possuem um caráter político? Como se apresenta esse caráter?

**Yves Schwartz** – De fato acredito que esses conceitos de uso de si e de debate de normas nos permitem apontar e localizar a dimensão política da atividade industriosa. Nós podemos afirmar que, sem que seja bem visível pela atividade industriosa, há uma dimensão política porque o conceito de uso de si que se desdobra pelo uso de si por si ou por outros, são conceitos complicados, porque *outros* podem ser muitos grupos, muitas forças diferentes. Mas quer dizer que não se pode trabalhar sem encontrar essa questão: qual será o meu o uso de si a fazer? Em que grau eu aceito as várias normas antecedentes, prescrições, isto é, o uso de si que os outros queriam que eu fizesse, o uso de si pelos outros? Em que grau não as aceito, “renormatizo” essas normas? Isso é uma escolha que pode ser visível ou não visível, consciente ou não consciente, mas quer dizer que é um debate, e não podemos encerrar esse debate em um campo pequeno. Eis a questão: para qual mundo aceitar esse uso de si pelos outros, por quê valor, para produzir qual mundo? E claro que esse conceito tem uma dimensão política. E os que são os profissionais da política, até que ponto consideram essa dimensão política e até que ponto a ignoram? É uma questão essencial.

**Moacir Fernando Viegas** – Levam para um lado mais técnico?

**Yves Schwartz** – Sim.

**Moacir Fernando Viegas** – Bom, e para onde vai à ergologia? Quais questões que tu vêes hoje que ela precisa desenvolver e responder? As questões que ela se coloca ou que são colocadas para a ergologia? Certamente como parte do seu próprio desenvolvimento, é necessário apresentar questões que ela se auto proponha. Que questões seriam essas que hoje tu pensas que são importantes?

**Yves Schwartz** – A minha ideia é que ninguém pode antecipar o futuro.

**Moacir Fernando Viegas** – Eu falo mais no sentido de problemáticas que o presente coloca para a ergologia.

**Yves Schwartz** – Acho que essa abordagem abriu perspectivas consideráveis. Nós estamos a percorrer esse espaço, com muitas pessoas que não compartilham toda essa problemática, mas acho que estamos frente a um espaço considerável. Podemos identificar dois setores, dois eixos fundamentais. O eixo da organização da vida política, o eixo político: como levar em conta, na organização da vida comum, da vida inclusive no planeta, esta definição do ser humano como ser de atividade, com todas essas reservas de alternativas, cujo mundo do trabalho é cheio? Como conceber o fruto do político? Aqui há uma dimensão, claro, mais complicada, mas necessária, que é a ligação entre a dimensão microscópica e a macroscópica. Claro que esse mundo de valor que fica presente em toda a atividade, em todas as renormalizações, é um mundo que não é limitado ao mundo do trabalho. Há um mundo de valores, um mundo que nos implica todos como seres humanos, que se situa no campo do macroscópico. Como criar essas dialéticas? Esse parece ser um dos eixos fundamentais. O outro eixo, que a meu ver não se pode separar, é o eixo epistemológico: como conceber a produção de conhecimento levando em conta que estamos no campo da atividade humana e que há uma dominação enorme da produção de conhecimento que ignora o fato de que homens e mulheres são sempre lugares de debates de normas e renormalizações. Há uma governança das empresas, mas também em todas as instituições que ignoram essa dimensão de debate de normas e renormalizações, e isso é um fator de crises inumeráveis. Mas temos a tarefa essencial de nos interrogar sobre essas produções de conhecimentos que favorecem essas crises. Seriam dois eixos simultâneos: político e

epistemológico. Uma outra questão seria o desenvolvimento que temos que conseguir. Criamos uma rede internacional que nasceu entre Moçambique e Belo Horizonte. Podemos conceber o desenvolvimento dos povos, populações, se continuarmos a apresentar o trabalho como heteronomia, sem levar em conta todas as riquezas, reservas e alternativas que cada população cria através da sua história?

**Moacir Fernando Viegas** – Para concluir, vivemos hoje uma crise na Europa que vem de alguns anos. Isso tem atingido a universidade no meio de um processo de mudança decorrente do Tratado de Bolonha, que exige mais coisas da universidade numa época em que só se fala em reduzir recursos. Podemos ver efeitos dessa crise no desenvolvimento de pesquisas na Universidade de Provence?

**Yves Schwartz** – Existe, como em todas as universidades, uma dificuldade com os recursos humanos e financeiros. Sobretudo nas disciplinas das áreas de ciências humanas e sociais.

**Moacir Fernando Viegas** – Não é de agora, certo?

**Yves Schwartz** – Sim. Acho que o problema que pode nos afetar é uma nova lei sobre a governança da universidade que será implementada daqui há dois ou três anos. Esta lei instiga a direção das universidades a fazer um pouco como as empresas. Por exemplo, o reitor é visto como um *manager*. Parece-me com essa loucura da avaliação das revistas, como você comentou, uma perspectiva da avaliação do trabalho, de qualquer trabalho, inclusive o trabalho de pesquisas, como uma coisa que se pode quantificar, que tem que se apoiar sobre resultados visíveis, com critérios que a meu ver são muito opostos ao que chamamos de dispositivo dinâmico de três pólos. Há uma contradição entre, de um lado, essa ideia de que a produção de saber tem que fazer do funcionário da universidade uma pessoa sempre em aprendizagem do saber, sempre humilde e, de outro, o fato de governar as universidades, as pessoas, as carreiras, o saber autenticado, com esses critérios quantificáveis, já formatados. Toda essa política de governança do saber com as leis da universidade, em geral, me parecem ir no sentido oposto ao que nós defendemos. Nossa maneira epistemológica de conceber a produção do saber é uma maneira que prova seu valor,

porque fizemos muitas e muitas coisas dentro de trinta anos de existência, inclusive do lado da ciência, da produção científica. Acho que é por essa razão que enfrentamos as dificuldades de renovação da habilitação do mestrado. A hostilidade de alguns colegas vem, a meu ver, daqui. Bom, desde que já temos quatro anos de prorrogação, em cada ano há também novos desenvolvimentos e novas cooperações, novas instruções, com centros nacionais e internacionais. Acho que será...

**Moacir Fernando Viegas** – Pode ser enfrentado?

**Yves Schwartz** – Sim. Apesar dessa política de variação da governança, a nossa existência já é tão bem adiantada, que acho que vai continuar. Para concluir, estamos organizando, você sabe, um congresso, uma Sociedade Internacional de Ergologia, você sabe?

**Moacir Fernando Viegas** – Não.

**Yves Schwartz** – O congresso é no mês de setembro próximo, com a ideia de juntar todas as problemáticas. Esperamos muitos brasileiros. É uma maneira de dizer aonde vai a ergologia. Precisamente com esse congresso podemos responder melhor essa questão.

**Moacir Fernando Viegas** – Bom, professor, muito obrigado pela sua disponibilidade de tempo.

#### REFERÊNCIAS

A perspectiva ergológica de Yves Schwartz no Brasil. *Trabalho, educação e saúde* Fundação Oswaldo Cruz, v. 9, n. 1, 2011, p. 19-45. Número temático.

BERNARDO, João. *Economia dos conflitos sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.